

As Lendas na Educação

estórias do Baixo Sul
e do Recôncavo Baiano



Organizadores
Manuela Dreyer da Silva
Renato Pereira de Siqueira
Mariana Galvão
Walter Boeger
Antonio Ostrensky

As Lendas na Educação

*estórias do Baixo Sul
e do Recôncavo Baiano*

Curitiba, PR
Instituto GIA
2008

As lendas na educação : estórias do Baixo Sul e do Recôncavo Baiano / Manuela Dreyer da Silva (organizador) et al.—Curitiba: Instituto GIA, 2008.

68 p.

ISBN 978-85-60930-012

1. Lendas - Bahia. 2. Comunicação no folclore - Bahia. I. Siqueira, Renato Pereira de. II. Galvão, Mariana. III. Ostrensky, Antonio. IV. Boeger, Walter.

CDD 398

CDU 398.21(814.2)

Ficha Técnica

Organizadores:

Manuela Dreyer da Silva
Renato Pereira de Siqueira
Mariana Galvão
Walter Boeger
Antonio Ostrensky

Composição de textos:

Manuela Dreyer da Silva
Renato Pereira de Siqueira
Mariana Galvão
Kelly Cottens
Fabrício Ramos
Larissa Lopes Mellinger
Leandro Angelo Pereira
Cecília Brosig

Revisão:

Débora Pestana

Ilustrações das lendas:

Sílvio Teixeira da Silva

Ilustração da capa:

Renato Pereira de Siqueira

Projeto gráfico: Gustavo Kira

Leonardo Aguiar

Diagramação:

Leonardo Aguiar

Agradecimentos

Agradecemos às comunidades da região do Baixo Sul e Recôncavo Baiano, em especial às pessoas que compartilharam informações, lendas e contos populares aqui apresentados:

Monilson dos Santos Pinto (Acupe)

Aginaldo de Oliveira Barreto (Acupe)

Domingos Fiaz (Acupe)

Renilza Fiaz (Acupe)

Rosildo Moreira do Rosário (Acupe)

Silvio Teixeira da Silva (tAcupe)

André Luiz de Souza (Acupe)

Luciana Matos da Silva (Acupe)

Lavínia Pinho dos Santos (Acupe)

Aluízio das Neves (Acupe)

Marajó e esposa (Acupe)

Domingos (Acupe)

Antonio Ramos (Acupe)

Cabrito (Acupe)

Israel (Acupe)

Cremilda Santos de Jesus (Acupe)

Ivone dos Anjos Nascimento (Acupe)

Luciana Nascimento Fagundes (Acupe)

Dona Gracinha, Eliane e família (Acupe)

Dona Heloína e Seu Henrique (Acupe)

Escolas de Acupe

Messias Alcântara (Boipeba)

Ronaldo de Jesus (Boipeba)

Camila (Boipeba)

Letícia (Boipeba)

Jussara Maria (Boipeba)

Cristina Cenciarelli (Boipeba)

Afonso (Boipeba)

Tavinho (Boipeba)

Edite (Boipeba)

Carmelina (Boipeba)

Mundinho do Samba (Santiago de Iguape)

Ananias (Santiago de Iguape)

Antonio (Santiago de Iguape)

Edison Oliveira (São Brás)

Olívia Oliveira (São Brás)

Fernando (São Brás)

João Cristino (Valença)

André Rasta (Barra dos Carvalhos)

George da Hora (Barra dos Carvalhos)

Braule dos Santos (Barra dos Carvalhos)

Erasmus (Barra dos Carvalhos)

André Conceição dos Santos (Barra dos Carvalhos)

José Ribeiro Franco (Barra dos Carvalhos)

Rineu do Rosário Bonfin (Taperoá)

Fidélis Martins Sobrinho (Nilo Peçanha)

Dona Ester (Nilo Peçanha)

Nós ouvimos assim... ...e vocês?

Pescadores, marisqueiras, agricultores, artesãos, gente simples que chama a atenção pela simpatia e pela receptividade. Ambiente de vida formado por uma cultura muito rica e por pessoas que ainda encontram nas lendas e superstições formas concretas de se relacionar com o meio em que vivem. Crenças ligadas ao uso do mar, do mangue e do mato, crenças que norteiam todo um modo de vida...

É nesse ambiente que o Projeto Puçá iniciou sua linha de ação de Revitalização Cultural, trazendo à tona costumes antigos, recuperando lendas, “causos” e hábitos do Baixo Sul e do Recôncavo baiano. O trabalho foi feito com base em entrevistas, realizadas no segundo semestre de 2008, com antigos moradores das comunidades de Acupe, Santiago de Iguape, São Brás, Saubara, Valença, Boipeba, Barra dos Carvalhos, Taperoá, Nilo Peçanha e Boitaraca.

A cultura dessa região possui surpreendentes expressões e manifestações populares que se relacionam fortemente com a maneira pela qual as comunidades constroem e utilizam seus espaços de vida. Os ambientes costeiros estão profundamente ligados à vida e à cultura da gente dessa região e trabalhar a educação formal é um meio para se manter viva essa cultura.

Mais que a discussão e aplicação da cultura local no processo de educação, o Puçá propõem a discussão do biorregionalismo. O biorregionalismo envolve tanto a conservação do ambiente como da cultura das comunidades envolvidas.

Este material pretende, portanto, valorizar os saberes regionais, trazendo à tona lendas e estórias com características de uso dos recursos, em especial por pescadores e marisqueiras, que muito têm a contar sobre o mar, a maré, os peixes, os manguezais, os siris, os caranguejos, sobre suas próprias vidas...

O objetivo principal desse trabalho foi registrar alguns desses aspectos para depois utilizar as lendas e estórias em trabalhos com os alunos e professores de escolas públicas.

A cultura talvez seja aquilo que de mais valioso as comunidades dessa região da Bahia possuem e ela não pode ser esquecida. Pelo contrário, tem que ser trabalhada, valorizada, transmitida para os mais jovens. E cada professor tem naturalmente em suas mãos um pouco desse combustível de transformação...

Para facilitar a leitura, o livro foi dividido em diferentes seções. Nas partes chamadas “Mar”, “Mangue e Mato”, “Homem e a Natureza” e “Observando a Natureza”, o livro traz estórias e atividades com personagens que mostram os sinais da natureza e que definem a forma como o homem está ligado ao seu ambiente. Já as seções “Nossa História” e “Cultura Viva” mostram como essas estórias ainda estão presentes no dia-a-dia de muitos baianos e como novas crenças são constantemente formadas nessas comunidades.

Como trata de “causos” populares, esse livro é um convite para que cada professor conte a sua estória: “Nós ouvimos assim... e vocês?”

Texto para os professores

Este livro chega até vocês, professores da Bahia, como uma tarefa grandiosa: um caminho para trabalhar a cultura na escola. Atualmente, há uma valorização das ações no campo da educação voltadas à pluralidade cultural, a idéia de que há uma variedade de culturas e, principalmente, que nenhuma é “melhor” que a outra, elas são simplesmente diferentes. Essa nova abordagem surge para enfrentar situações muito graves de intolerância religiosa, preconceito e discriminação racial. Pretende-se, através dessa visão sobre a diversidade, buscar alternativas de enfrentamento do preconceito étnico-racial, no sentido de construir uma sociedade mais democrática e igualitária.

Em educação, a dimensão do pluralismo permite que diversos povos e diferentes etnias possam ter seus conhecimentos valorizados no ambiente escolar, e que estes saberes que surgem do povo, das pessoas comuns, sirvam também como ponto de partida para mais conhecimento e para a construção positiva da identidade desses grupos. Ampliando as possibilidades que o livro didático apresenta, este livro reúne um vasto campo do conhecimento tradicional, revelando um modo de pensar muito próprio

e sempre de acordo com uma relação de respeito pelo ambiente onde vivem pescadores e marisqueiras. Impregnada de elementos indígenas e africanos, a cultura do litoral baiano pode representar um modelo positivo de lidar com a tradição oral na escola (as lendas, as estórias, a musicalidade, as brincadeiras cantadas, etc.), de reconhecer a ação de seus antepassados na construção de uma mentalidade que ainda hoje vemos presente na forma como o povo se relaciona com a natureza e entre seus pares.

Acredito firmemente que a riqueza das culturas no Brasil deve estar presente na escola. Se esta é o espaço de socialização e de abertura para novas visões de mundo, aposto na educação que valoriza os saberes dos alunos e de sua comunidade, pois assim construiremos um olhar digno e respeitoso em relação à identidade brasileira. Alunos terão uma imagem positiva de si mesmos, de suas origens indígenas e africanas, e assim, sujeitos de suas próprias histórias, espera-se que sejam mais conscientes e ativos no mundo. Nessa perspectiva, comunidades inteiras serão fortalecidas, quando a variedade dos conhecimentos humanos ocuparem espaços de igualdade, baseados em suas diferenças essenciais.

Mariana Galvão

Mar

A pesca artesanal sempre foi cercada de crendices. Ela é um verdadeiro caldeirão, onde se misturam conhecimentos e observações sobre o mundo e sobre a natureza, medos e fantasias. Personagens fantásticos que se relacionam com o mundo real através do mundo natural... Personagens que trazem para o mundo físico (o barco, a rede, o remo) uma alma.

O pescador, homem sábio, atento a este mundo sutil, é conhecedor das tradições, é capaz de utilizar com respeito os recursos que a natureza lhe oferece. Foi criado e educado para dar continuidade a essa tradição, e guiado por lendas e superstições, criou um universo próprio. No mar existe um mundo para além do visual, onde pescadores vivem uma realidade sustentada por suas crenças.

Sereia, a mãe do mar

A Sereia é a dona das águas. Deve-se agradá-la, levar flores, perfumes e outros presentes para que ela se alegre com você. Ai daquele com quem a Sereia tem zanga! Certa vez, um homem foi pescar e passou quase o dia inteiro sem pegar nada. Irritado, disse: "Eu queria ferrá um peixe mesmo que



ele não chegasse até a canoa, só pra sentir a linha esticá”. Não deu tempo de terminar de falar e a linha esticou com força: “Trabalhei, trabalhei na linha que até minha mão ficou assada. Mas quando o peso tava perto da canoa, aliviou”. O homem puxou a linha, mas não havia nenhum peixe no final dela. O camarão usado como isca estava vivo e até pulava dentro da canoa. Aquele puxão era a sereia, que estava pedindo presente.

As oferendas são práticas muito relacionadas às religiões de matriz africana. Isso porque, acredita-se, os orixás precisam de energia para “trabalhar” em favor dos humanos, e essa força vital também vem dos alimentos. Ou seja, os alimentos servem de ligação entre o sagrado e a vida comum. Essa é também uma lembrança de que, muito antigamente, ainda na África, esses deuses eram pessoas comuns, mortais, mas que fizeram algum feito fantástico e por isso transformaram-se em orixás. Por isso, cada orixá tem sua comida preferida e algumas que lhes são proibidas também.

Não podemos esquecer que durante a escravidão, época em que as religiões africanas eram proibidas no Brasil, os africanos e seus descendentes arrumaram formas de continuar cultuando seus deuses. E uma dessas formas foi relacioná-los aos santos católicos. Assim, todos os orixás têm um santo correspondente na religião católica. Essa é uma forma muito bonita de se praticar a tolerância religiosa. Um jeito

bastante respeitoso de acreditar tanto nos orixás quanto nos santos católicos. É ainda um exemplo histórico da resistência cultural. Neste caso, praticada por povos então escravizados e que reinventaram formas de continuar vivendo suas crenças, adorando seus deuses e mantendo viva a sua fé.



Na comunidade

Faça uma pesquisa sobre os orixás - deuses africanos - mais conhecidos na sua comunidade. Pesquise sobre as comidas de cada um e sobre qual elemento da natureza essas entidades estão ligadas (mar, rio, trovão, tempestade, etc). E também, pensando no sincretismo (nas relações entre as religiões africanas e o catolicismo) pesquise sobre a correspondência entre os santos católicos e os deuses africanos.



Em sala de aula

Vamos organizar as informações coletadas na comunidade! Elabore um mural com as informações coletadas: nome dos orixás, comida favorita, elemento natural ao qual está ligado(a) e o santo católico correspondente.



O Caraquexé

O Martim-pescador, pelo Brasil afora, ganha vários nomes diferentes: Martim, Martinho, Caraquexé... Quando você vai entrar nos rios para pescar não é bom que o Martim fique cruzando seu caminho e se ele fizer “verão” é melhor você voltar para seu porto. Fazer “verão” é o movimento que o Martim faz ao voar para o alto como flecha, caindo depois como que em queda livre, vocalizando como uma gargalhada.

O Mero que come gente

Contam os pescadores que nos poços onde se pesca com frequência aparece um Mero muito grande, mas que só as mulheres que mariscam à beira do rio podem vê-lo. Os homens até procuram o Mero por todos os lugares, mas nunca o avistam. Esse mero virou uma lenda de um peixe gigante que come gente, sendo temido em muitas regiões.





Em sala de aula

Essas estórias (“O Caraquexé” e “O Mero que come gente”) podem ser usadas para pensarmos como surge uma lenda. Imagine uma situação em que a visita a algum lugar poderia ser mais restrita a poucas pessoas, como no caso dos rios onde os pescadores costumam pescar ou em locais usados como “berçário” por muitas espécies animais. Podemos imaginar os motivos para essa restrição e as formas utilizadas para criar mecanismos de impedimento: as lendas, as leis de proteção ambiental, etc.

Organize uma roda de conversa com seus alunos para discutir a ligação das lendas da sua região com as restrições e impedimentos ligados à natureza. É interessante perceber o como a sabedoria tradicional pode ser reguladora da ação humana em relação à natureza.

A região onde vocês moram é uma área ambientalmente importante, formada por áreas de mangue, de mata e toda a porção marinha. Discuta com a classe as razões que levaram essa região a ser protegida pelas leis ambientais. O que vocês acham dessas medidas de proteção?

Trabalhe com seus alunos o seguinte tema: como as leis ambientais influenciam no seu dia-a-dia e da sua família? Reflita com as crianças por que essas leis ambientais são necessárias atualmente e se alguma coisa nessas leis deveria mudar.



Na comunidade

Pense nessa dinâmica sobre o surgimento das lendas - que aqui indicam as formas de ação do pescador e da marisqueira em relação à natureza. Como as pessoas reconheciam os limites na relação do homem com o ambiente? Como isso era passado para as gerações mais novas? E hoje, como são estabelecidas as leis que determinam o que pode e o que não pode em relação à natureza?

Manque e Mato

O manguezal, um emaranhado de árvores idênticas. Há sempre um mistério atrás de cada árvore de mangue. O manguezal que com suas muitas imagens e sons estimula a criatividade dos valentes homens e mulheres que fazem desse ambiente seu local de trabalho. Mas quem trabalha no mangue, e até mesmo no mato, precisa estar ciente de todas essas expressões...

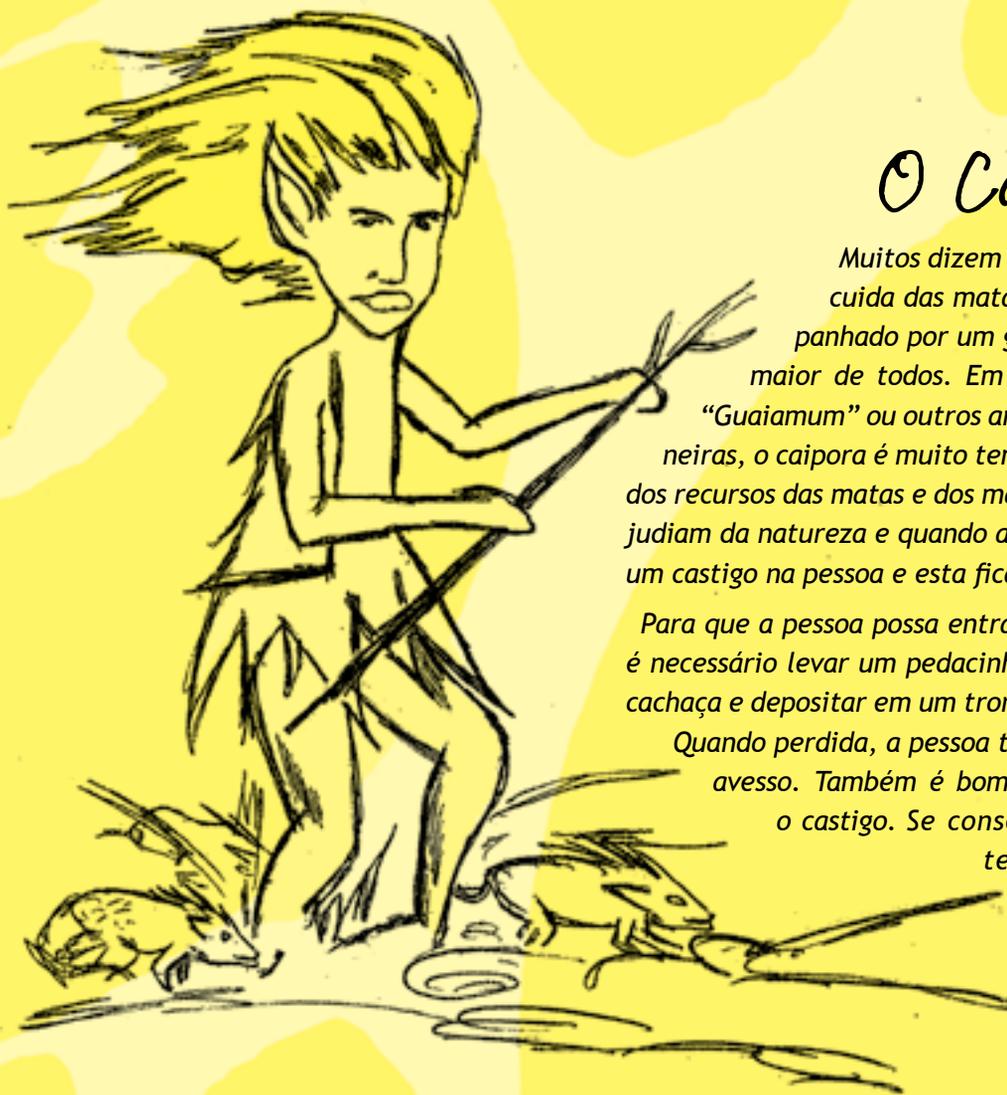
O Caipora, a Mãe da Lua ou a Vovó do Mangue. Personagens identificados popularmente como guardiões do mangue e do mato, que ditam regras para o convívio do homem com o meio. São regras respeitadas até os dias de hoje, passadas de pai para filho e vigiadas por esses guardiões.

O poder das Matas

Letra e melodia: Messias Alcântara

Fui na mata fechada
E encontrei o saci-pererê
Que lá chamou o lobisomem e a caipora
O curupira e a mula-sem-cabeça
Eles falaram do seu grande medo
Que era perder o que eles tinham de valor
A coisa que eles mais protegiam
Estava sendo destruída pelo homem
Que por ambição, hipocrisia e falta de compreensão
Acabou com as matas e seus recursos naturais
Destruiu os vales e também os animais
Deixando as lendas e as histórias para trás
Deixando marcas da destruição
Tudo isso em nome da evolução

Cadê o saci-pererê?
Cadê o saci-pererê?
O lobisomem, a caipora
O curupira e a mula-sem-cabeça
Foram embora, eu sei porque...



O Caipora

Muitos dizem que o Caipora é um menino-índio que cuida das matas e dos mangues, está sempre acompanhado por um grupo de “catitu” e anda montado no maior de todos. Em outros lugares pode ser visto como “Guaiamum” ou outros animais. Aparecendo de diferentes maneiras, o caipora é muito temido e respeitado por todos que usam dos recursos das matas e dos mangues. Ele não gosta das pessoas que judiam da natureza e quando alguém a desrespeita, o Caipora lança um castigo na pessoa e esta fica desorientada e se perde.

Para que a pessoa possa entrar na mata ou no mangue, dizem que é necessário levar um pedacinho de fumo de corda ou uma dose de cachaça e depositar em um tronco da primeira árvore que encontrar.

Quando perdida, a pessoa tem que tirar a roupa e vestir do lado avesso. Também é bom fazer um nó na roupa para acabar o castigo. Se conseguir sair, deve demorar bastante tempo para voltar ao local onde estava quando se perdeu.

O Caipora como Guaiamum

O Guaiamum é um caranguejo. Um dia um homem viu um e foi tentar pegá-lo. Aproximou-se, mas o Guaiamum correu para o mato. Vendo que era um caranguejo grande, seguiu-o, mas ele estava muito rápido, correndo mata adentro. O homem não desistiu, correu rapidamente para tentar pegar o Guaiamum e de repente apareceram muitos deles. O homem se sentiu cercado, tentou fugir, mas para todos os lados que ele ia, apareciam mais e mais caranguejos. Ficou apavorado e começou a chamar por socorro. Quando as pessoas chegaram para ajudar, ele estava todo arranhado, mas ninguém viu nenhum Guaiamum perto do homem.

O Caipora e a vovó do mangue

Existe um pássaro chamado Mãe da Lua que geralmente fica muito camuflado. Conta uma lenda que uma menina que mariscava com os pais se perdeu e foi morar com o caipora. Hoje ela é velhinha, tão velhinha que anda arcada. Em noite de lua cheia ela grita, vai para o mangue e reclama do mosquito. Dizem que quando o caipora castiga as pessoas na mata a Vó do Mangue intercede pela pessoa e repele o caipora.

Mais uma história sobre a caipora

Em Boipeba, a caipora é vista apenas com uma perna, toda de branco, e emite sons assim: - “uh!, uh!, uh!” Ela protege as matas e os animais contra os agressores da floresta, fazendo com que eles se percam e queiram só voltar para casa.

A caipora se incomoda com choro de criança e utiliza seu poder de transformação para atrair a criança para a mata, oferecendo-a orelha-de-pau como forma de calar o choro, deixando a criança “abobalhada” e sem saber o que lhe aconteceu.

Há uns 15 anos, um garoto foi buscar lenha com seu pai e na volta pra casa, ainda na mata, ele começou a ter dor de cabeça e a ficar muito cansado. O pai foi caminhando na frente e ele parou para descansar. Só quando o pai chegou em casa, sentiu falta do filho e voltou para procurá-lo... sem sucesso. Esse garoto ficou uns dois dias desaparecido. Quando retornou, não se lembrava de nada, apenas que uma mulher apareceu e o convidou para acompanhá-la.

Até hoje todos acreditam que essa mulher era a caipora!



A Beatatá

A Beatatá é uma fachada de fogo azul, uma explosão de fogo azul, que aparece na beira dos manguezais quando o pescador está pescando e fala nomes feios, xingamentos ou palavras. No momento que o pescador a vê, tem que ficar quieto, abaixado dentro da canoa e não pode apontar o dedo na direção em que está o fogo. Se fizer isso, a Beatatá se aproxima e põe fogo em tudo.

Quando um pescador vê a Beatatá é um aviso para ele não dizer mais xingamentos durante a pescaria. A Beatatá surgiu de duas comadres que não se davam bem e quando elas morreram, a alma delas se transformou em Beatatá.



Estas histórias nos falam da presença de seres fantásticos que regulam a relação do homem com a natureza - a mata e os manguezais. Em todo o Brasil essas lendas podem ser encontradas, o que revela uma maneira antiga de regulação da ação dos homens relação ao meio em que vivem.



Na comunidade

Faça uma pesquisa sobre como os antigos limitavam a presença humana e a relação com a natureza - tanto no mar, em relação aos estoques disponíveis de peixes e mariscos - como na mata e nos mangues, e a disponibilidade de madeiras e espécies vegetais.

Faça com as crianças um levantamento sobre a fauna e a flora da sua comunidade: animais e aves, peixes e mariscos, árvores e espécies vegetais em geral. Compare duas épocas: a natureza atualmente e há trinta anos, por exemplo.

Há alguma espécie atualmente não encontrada que antigamente fazia parte do ecossistema da região? Tente imaginar por que essa espécie desapareceu.



Em sala de aula

Organize as informações do exercício anterior: elabore um mural com as espécies encontradas antigamente na natureza e as presentes hoje; uma para aves, outra para peixes e mariscos, e outra para espécies vegetais.

A partir dos dados coletados, reflita sobre a situação da natureza na região: a variedade de espécies pode ser comparada com tempos antigos ou atualmente é diferente?

Se há alguma alteração na oferta dos estoques de peixes/aves e na variedade e disponibilidade da vegetação, por que isso mudou?

Essas mudanças foram para melhor ou para pior? Discuta com os alunos porque e o que eles e seus pais fazem para evitar que esses problemas ocorram?



A dona das fontes

Jia é uma rã que vive só em águas muito limpas. Dizem que quando não tinham água encanada nos locais, as pessoas pegavam água para beber das nascentes que eram também chamadas de “fontes”. Quando as pessoas iam até as fontes e não avistavam a Jia, não pegavam água.



Em sala de aula

Refleta com seus alunos sobre as ações e os compromissos de cada indivíduo com os estoques naturais - a água, os peixes, a vegetação, os animais.

A partir do exercício anterior, sugira um trabalho em que o grupo imagine como será a vida na comunidade daqui trinta anos.

Elabore mapas da vila em que moram: há trinta anos, a vila atualmente e daqui a alguns anos. Pense em todos os espaços reservados à vida em sociedade: a pesca, a mariscagem, as roças, casas de farinha, os espaços para a brincadeira, os lixões, etc.

Escolha uma dessas fases para fazer uma maquete representando a vida em comunidade e as reservas naturais então disponíveis.

Homem e natureza

O homem se espelha nos elementos da natureza para criar instrumentos reguladores das suas relações sociais. Assim é com o Encantado, com a Mula do Padre, entre outros personagens... É um aprendizado sobre o respeito ao próximo e sobre diferentes valores.

A Cavala

A Cavala, conhecida como um pássaro pequeno que em seu cantar parece dizer "Cavala, cavala, cavala". Também pode ser uma cavala com asas. Uma filha foi amaldiçoada pela própria mãe e se transformou na Cavala,

como forma de castigo. Hoje,

quando uma criança está chorando muito à noite, a Cavala se incomoda, vem voando e pousa em cima da casa.

Relincha e bate com as asas na palha da casa, causando mais medo à criança.



Com essas estórias podemos pensar nas lendas como reguladoras das ações humanas em sociedade e na relação entre os indivíduos de um grupo social: os “castigos”, que são impostos àqueles que têm atitudes contrárias às regras sociais definidas pelo grupo. Maltratar crianças e animais, não obedecer aos mais velhos, pessoas que têm comportamento inadequado em relação aos seus companheiros, são atitudes desaconselhadas. Quem as pratica se transforma nesses seres fantásticos que assombram as novas gerações...

Atualmente, legislações específicas como o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente - atuam como reguladores dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes desde o antes do seu nascimento. Por ser uma fase particular da vida humana, as crianças precisam de cuidados especiais, antes mesmo de nascer. . Assim, te-

mos os direitos ligados aos cuidados na gravidez e no parto, a certidão de nascimento, o direito à brincadeira, a espaços livres e seguros para se desenvolver, o direito a uma escola de qualidade, etc.

Além de garantir os direitos das crianças e adolescentes, o ECA também prescreve as responsabilidades atribuídas a esses grupos humanos, caso cometam algum crime ou ato de infração.

É importante enfocar também as responsabilidades do Estado: proteger a infância e a adolescência como condição fundamental para o desenvolvimento social. Trabalhe com a classe o papel do Estado na comunidade, no cumprimento de suas obrigações para com os cidadãos.



Na comunidade

Na sua comunidade, o ECA é conhecido? Proponha um estudo sobre os doze direitos fundamentais das crianças e dos adolescentes. Reflita com seus alunos sobre as responsabilidades a eles atribuídas.

Esse documento é distribuído gratuitamente pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). Pode ser uma oportunidade as crianças e adolescentes terem acesso a ele para, num segundo momento, levarem as informações às suas famílias.



Em sala de aula

Refleta com seus alunos os espaços a eles reservados para o exercício da cidadania nas diferentes esferas da vida: na família (decisões coletivas, dialogadas), na comunidade (grupos culturais e esportivos, associações informais), na escola (organizações estudantis, conselhos de escola) e na cidade (conselhos deliberativos municipais como o orçamento participativo).

Questione com seus alunos que espaços eles gostariam de ter na vida social da comunidade. Se o exercício da cidadania começa na infância, que espaços são abertos para essa criança atuar na vida da comunidade?

Não se esqueça de enfatizar que o ECA não é uma ameaça à ação do adulto em relação à criança, mas deve ser um compromisso para com a infância, proporcionando assim, a construção de um olhar crítico frente ao mundo e à vida.

Lobisomem, o Encantado

O Lobisomem, também chamado de Lubisonho e até mesmo de Bisonho, é um homem que se transforma em bicho. É um homem encantado.

Contam os mais velhos que ele era uma criança que não obedecia aos pais, padrinhos e familiares, e por isso foi castigado. Quando chega a noite ele vai até lugares afastados aonde dormem os animais, deita-se com eles e se enrola na terra que os jegues estão deitados. Ali se transforma e aos uivos chora sua triste sina.

O Lobisomem está sempre perto dos locais onde os pescadores depositam restos de mariscos e caranguejos. Gosta também de comer restos de mandioca que sobram das casas de farinha.



O Cavaleiro

Em noites de vento forte, quando se aproximava a meia-noite, ouviam-se uivos de zunidos de ventos e as pessoas que estavam nas ruas entravam para suas casas. No meio do zunido, um relincho de cavalo ecoava do invisível e o barulho de suas patas era ouvido ao redor das casas. Dizem os mais velhos que era um cavaleiro malvado que maltratava os animais de criação e quando ele morreu sua alma se transformou em cavalo.



Em sala de aula

Qual o compromisso das crianças com a vida natural e a preservação da natureza? Como deveria ser a relação entre as crianças e as gerações mais velhas, os detentores dos conhecimentos que são transmitidos de geração para geração? Essa discussão é uma oportunidade para se trabalhar a importância da oralidade nas comunidades tradicionais brasileiras - os saberes que são transmitidos entre as gerações, a valorização do saber dos mais antigos.



Mula de Padre

É um cavalo que corre em disparado na noite. Dizem que a Mula-de-Padre é a alma de uma pessoa que desrespeitava o padre e que quando morreu virou mula. Os espíritos dos padres sobem nela e a açoitam! É por isso que ela passa em disparado, corre sete serranias e depois volta. Em muitos locais do Brasil a Mula-de-Padre aparece como a Mula-sem-cabeça.



A noiva de branco

Existem duas versões para a estória da noiva de branco. Uma diz que a mulher de branco, a noiva, foi uma moça abandonada no altar e que acabou morrendo de tristeza. Por isso, quando ela aparece está sempre em desespero. A outra versão diz que a mulher de branco é uma maldição para mulheres que se casam e depois traem o marido. Dizem que, nas duas versões, o véu que a mulher de branco usa é tão comprido que chega a completar a altura dos coqueiros.



Em sala de aula

Faça com seus alunos um exercício de traçar metas e objetivos para suas vidas e estabelecer as formas de alcançá-los. Isso pode ser um ponto de partida para uma discussão sobre o livre-arbítrio, escolhas que cada um tem para seguir um caminho na vida.

Poderíamos pensar numa lei filosófica para estabelecer padrões éticos para a vida em sociedade: não faça ao outro o que não gostaria que fizessem a você. Trabalhe com exemplos reais, próximos da vida das crianças para experimentar essa fórmula. Isso pode valer tanto para ações entre as pessoas como para ações relativas à natureza, os animais, etc.

Areia Branca e Folha de Pitanga

No dia de sexta-feira varria-se a casa, que geralmente era de chão batido. Espalhava-se areia branca de forma que ela cobrisse todo chão. Folhas de pitanga eram usadas como enfeite. Algumas pessoas falam que era só para enfeitar; outras que era um tipo de presente para os espíritos que vinham visitar os parentes na sexta-feira, deixando suas pegadas na areia; e outros falam, ainda, que também era um modo de saber se a filha saía à noite quando estava na época de namorar.



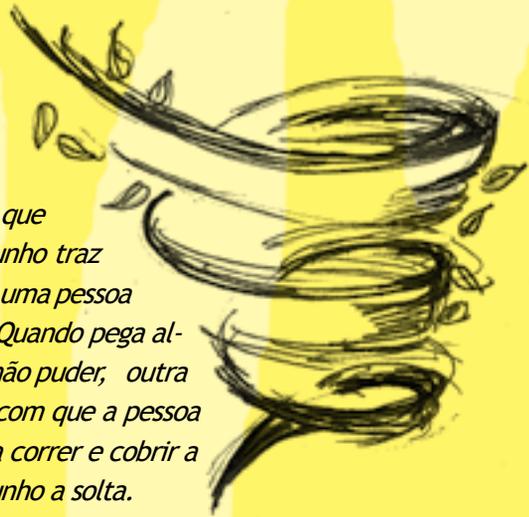
Na comunidade

Essa estória revela uma dimensão muito presente em diferentes comunidades: o culto aos ancestrais. Existem várias práticas que apontam para o fato de que não nos desligamos de nossos antepassados já mortos, mas que, em diferentes situações, devemos prestar homenagens a eles. Retomar essas práticas na comunidade através de uma pesquisa sobre datas especiais em que essas homenagens ocorrem e desmistificá-las, pode ser importante no trabalho de valorização dos saberes herdados dos antigos.



○ Rindimunho

O Rindimunho é um redemoinho empoeirado que pode vir da terra ou do mar. Dizem que o Rindimunho traz doenças e poluição para o corpo. Ele pode carregar uma pessoa ou fazer as pessoas baterem cabeça com cabeça. Quando pega alguém, a madrinha é quem pode salvar, mas se ela não puder, outra pessoa pode, desde que tenha em mãos a manta com que a pessoa estava coberta no dia em que foi batizada. Precisa correr e cobrir a cabeça da pessoa que foi pega, só assim o Rindimunho a solta.



Em sala de aula

Essa estória nos diz algo sobre a importância de cuidarmos do nosso corpo, nosso instrumento de vida. Sugira um trabalho em torno dos cuidados básicos e diários que devemos ter, como tomar banho, escovar os dentes em diferentes momentos do dia, lavar as mãos antes de nos alimentarmos. Construa com eles uma lista das responsabilidades diárias que todos temos para com nosso corpo.

Amplie a discussão para os cuidados que o Estado deve ter para com os cidadãos: saneamento básico, esgoto, saúde e educação gratuitas e de qualidade, etc.

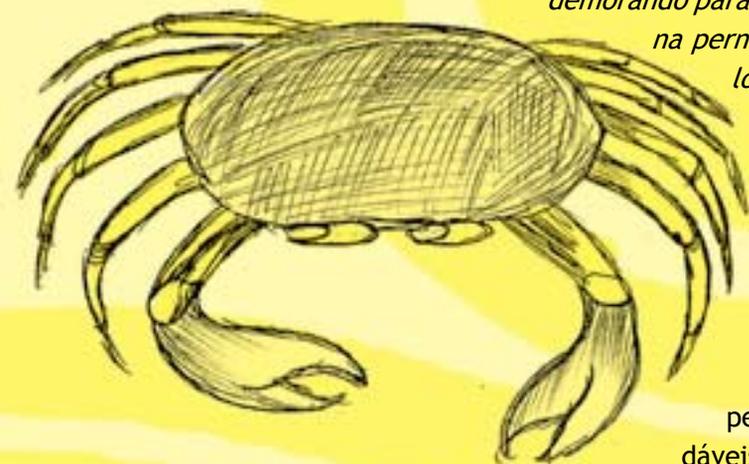
Enfoque a importância da saúde física e mental. Questione como adultos e crianças cuidam da saúde mental: os momentos de lazer, diversão, convivência, etc.

Para finalizar, elabore um mural com sugestões de atividades que incentivem o trabalho em torno da saúde da comunidade em todos os níveis - físico e mental.

Observando a Natureza

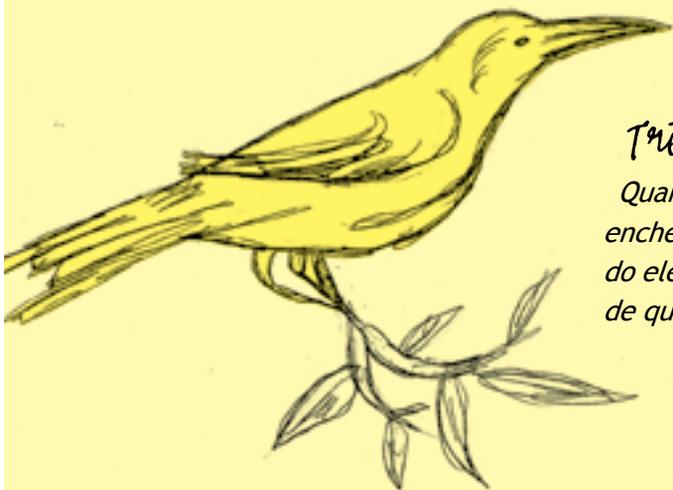
Aratu / Grauçá

O Aratu, também chamado de Grauçá, é um caranguejo vermelho que fica na beira do mangue. Quando uma criança está demorando para andar, dizem que é preciso pegar o Aratu, passar na perna da criança e depois soltá-lo em um lugar bem longe e escondido, para que ninguém o capture. Caso isso ocorra, a criança vai demorar ainda mais para andar.



Essa lenda pode nos fornecer oportunidade para refletir sobre os cuidados com as crianças pequenas, o que elas necessitam para crescer saudáveis: a valorização da amamentação, os alimentos ideais para cada fase de vida. Construa com seus alunos uma escala de crescimento desde o nascimento até diferentes fases da vida. Relacione com o tipo de alimentação recomendada a cada fase e os males que podem ser causados por deficiência de vitaminas, sais minerais, etc.

Adivinhação com pássaros



Três-Potes

Quando o Três-Potes canta e a maré está enchendo, é sinal de que vai chover. Quando ele canta e a maré está vazando, é sinal de que vai fazer tempo bom.



Adivinha-quem-vem-hoje

O Adivinha-quem-vem-hoje quando canta, é porque vai chegar visita.



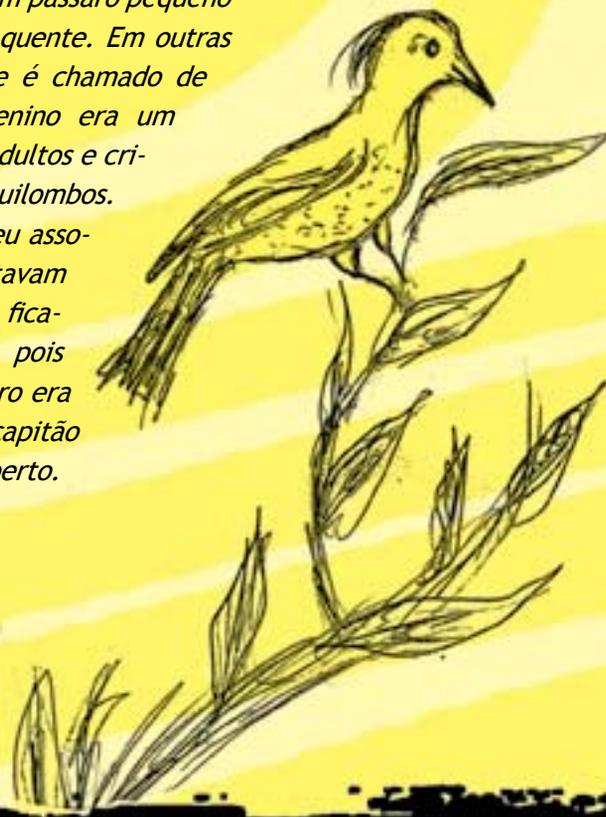
Andorinha

Andorinhas quando voam juntas é sinal de bom tempo; voando espalhadas é sinal que vem tempo ruim.

Pega-Menino

Pega-Menino, também chamado de capitão-do-mato, é um pássaro pequeno que adivinha tempo quente. Em outras regiões do Brasil ele é chamado de Fim-Fim. O Pega-Menino era um pássaro temido por adultos e crianças na época dos quilombos.

Quando se ouvia o seu assobio, as pessoas voltavam para o quilombo e ficavam todos reunidos, pois o cantar deste pássaro era um sinal de que o capitão do mato estava por perto.





Na comunidade

Sugira uma pesquisa sobre os mecanismos utilizados para se ter uma boa pesca: as formas de se respeitar as fases da pescaria, os limites de pesca para cada tipo de peixe, a época de reprodução, entre outras características. Na sua comunidade, quais são as técnicas que os pescadores utilizam na pesca? Elas respeitam as fases da natureza e os estoques de peixes e mariscos?



Em sala de aula

Elabore um calendário com as estações do ano e os tipos de peixes (o que chamamos de espécies) disponíveis em cada época. Incentive a percepção sobre as fases de pesca, de mariscagem e de produção nas roças. Observe esses tipos de atividades e veja se elas se relacionam.

Sugira também uma atividade ao ar livre: leve sua turma para uma pescaria ou para acompanhar mais de perto um dia de mariscagem na sua comunidade. Registrem os tipos de pesca e incluam essas informações no cartaz a ser construído. Converse com os pescadores e marisqueiras sobre o que foi anteriormente pesquisado.



Na comunidade

Pesquise as diferentes formas dos antigos perceberem a aproximação de chuvas e tempestades. Como sabiam que seria uma chuva forte, com ventos e relâmpagos, ou se seria uma chuva breve e amena.

Quais outros sinais a natureza nos dá para prever esses fenômenos naturais: chuvas, tempo quente, seca, etc. Organize as informações coletadas.

Faça uma pesquisa com os moradores mais antigos sobre o que vai acontecer com o tempo nos próximos dois ou três dias. Depois, anote qual é a previsão do tempo para a região nos noticiários da televisão. Então comparem os saberes técnicos da previsão do tempo na TV com os conheci-

mentos tradicionais: os sinais naturais de chuva/tempestade e sol/estiagem que os moradores da sua comunidade usam para “prever” o tempo coincidem com o que é anunciado na TV sobre a mudança do tempo?



Em sala de aula

Vamos organizar as informações da comunidade! Faça um mural com as crianças e discuta com os alunos/as sobre tudo o que surgiu nos relatos e confronte com a atualidade: as formas que hoje nós temos para prever os fenômenos da natureza são uma mistura das formas tradicionais e tecnológicas? Como isso acontece na sua comunidade?



A coruja que adivinha a morte

Em várias culturas a coruja é vista como sinal de mau agouro. O litoral da Bahia também não foge à regra. Dizem que não é bom olhar para a coruja e que se ela pousar perto de uma casa é porque está avisando de doença ou até mesmo de morte para alguém daquela casa. Dizem, também, que quando você está entrando no mato e vê uma coruja, é mau presságio, melhor sair.

O cumbre

Cumbre é o local da praia onde se dá o encontro do mar com a restinga. Em Boipeba as pessoas mais velhas tinham medo de passar à noite por perto do Cumbre, pois se ouviam vozes neste lugar.



Na comunidade

Na sua comunidade quais são sinais de mau agouro nas diferentes situações da vida: na pesca, na mariscagem, num dia de escola, etc.

Há alguma forma de superar esses sinais, tornando-os mais fracos ou anulando-os? Trabalhe com seus alunos as crenças que norteiam a visão de mundo das crianças sobre as proibições e os sinais de má sorte. Essa atividade é uma oportunidade de perceber as influências da tradição na construção do imaginário infantil.

Nossa história

Essa seção do livro traz personagens, estórias e aspectos históricos que remontam características culturais indígenas e africanas do Baixo Sul e Recôncavo Baiano. São escritos que nos levam a discussões de como a história está presente nos dias de hoje e sobre o que diferentes pessoas, personagens reais da nossa história, contam a respeito da formação da identidade das comunidades do litoral da Bahia.

Esse bloco de estórias será muito importante para a construção de outro referencial sobre a escravidão: superando a visão dos africanos apenas como vítimas do sistema escravagista, podemos focar a perspectiva da ação desses homens e mulheres a partir dos movimentos de resistência que protagonizaram. Os quilombos, a religiosidade, as danças dramáticas que encenam fatos históricos vividos, o samba e a capoeira, representam a força da cultura africana que se fortaleceu no território brasileiro, criando uma história muito própria, esta sim, afro-brasileira. Assim, para fortalecer essa dimensão da influência positiva desses heróis, podemos valorizar formas de organização dos grupos a partir da roda. O samba de roda, o xirê nas casas de culto (forma de apresentação dos orixás) e a capoeira são realizados em roda. Levar essa estrutura para a escola, além de valorizar a visão de mundo dos antepassados africanos, cria novas formas de relacionamento entre o grupo, onde não há hierarquia, em que todos estão lado a lado, se olham de um ponto comum, mais igualitário.



A Bananeira que sangra

Antigamente, onde hoje fica Acupe Velho, era um engenho com uma senzala onde os negros eram muito maltratados. Os que não agüentavam os castigos e morriam eram enterrados em uma baixada, onde depois plantaram muitas bananeiras. Quando as pessoas iam cortar as bananeiras, ouviam gemidos de sofrimento que vinham do interior delas.

Contam os mais velhos que um dia um homem, ao dar o primeiro golpe de facão em uma bananeira, ouviu um gemido como se alguém tivesse sido golpeado de morte. Assustado, parou, deixando o facão na bananeira. Foi procurar no bananal se havia alguém ali. Após procurar e não encontrar nada, retornou ao pé de banana que havia começado a cortar. No momento em que tirou o facão para dar mais um golpe, percebeu que seu facão estava sujo de sangue e da bananeira cortada escorria esse líquido vermelho escuro. O homem assustado fugiu e nunca mais voltou ao local.

O Inguzeiro de Acupe Velho

O Inguzeiro é uma árvore muito frondosa e cheia de espinhos. Dizem que na entrada do engenho de Acupe Velho tinha uma. Contam os mais velhos que na época da ignorância castigavam as pessoas nesta árvore até a morte e que por isso, quando chega à noite e o vento sopra do mar, o inguzeiro geme. Se uma pessoa se aproximar poderá ver pessoas espetadas e até ouvir os açoites da chibata.



Na comunidade

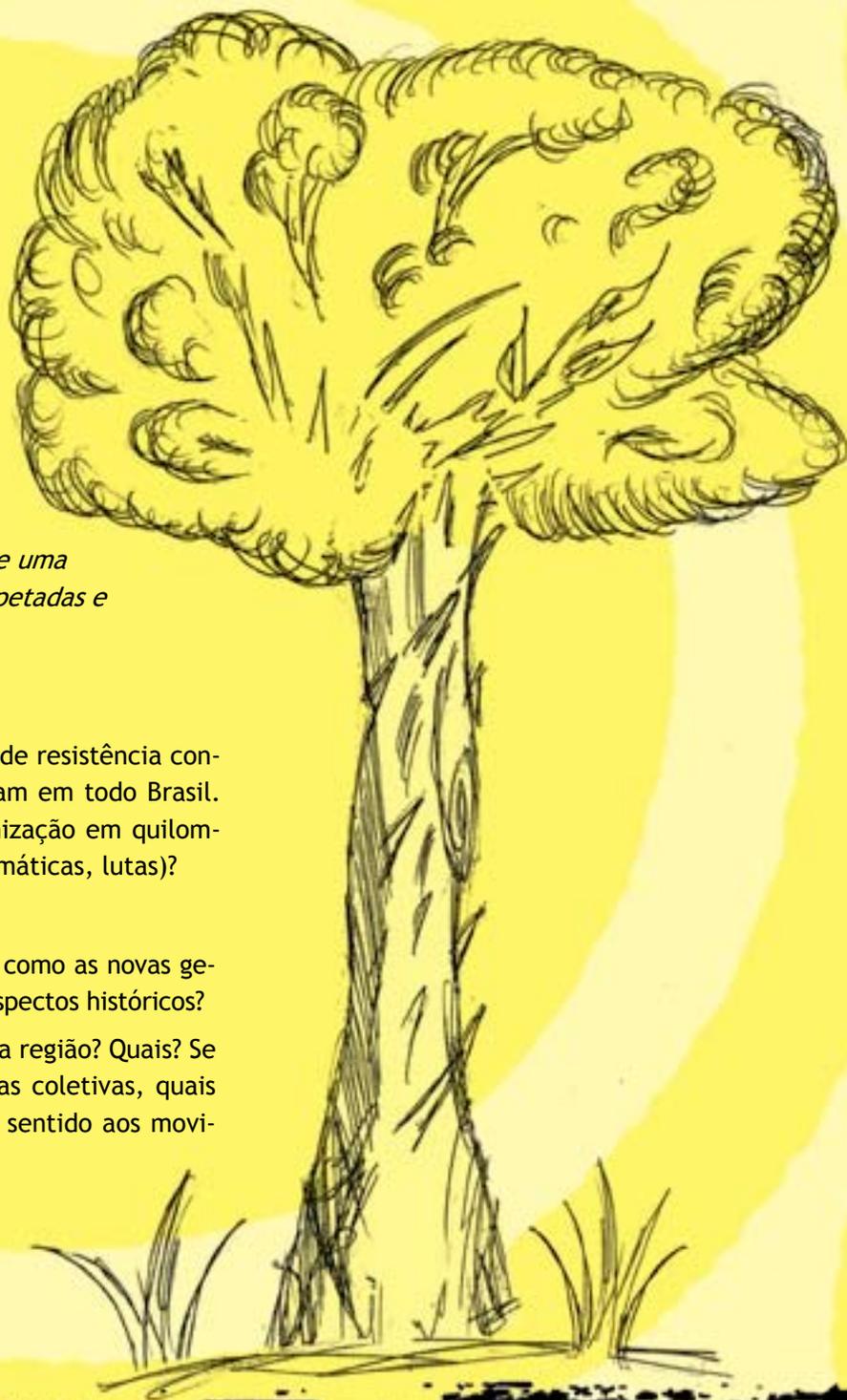
Proponha uma pesquisa sobre as histórias de resistência contra a escravidão, pois esses fatos ocorreram em todo Brasil. Na sua região como eles aparecem (organização em quilombos, em Irmandades religiosas, danças dramáticas, lutas)?



Em sala de aula

Refleta com seus alunos sobre o presente: como as novas gerações se apropriam dessas histórias e dos aspectos históricos?

Atualmente, há grupos organizados em sua região? Quais? Se não há organizações que reúnam demandas coletivas, quais seriam as causas que podem dar um novo sentido aos movimentos organizados em sua comunidade?



Nego Fugido, a Ópera da Liberdade

Monilson dos Santos Pinto
Associação Nego Fugido

Durante todo o século passado, as ruínas dos engenhos São Gonçalo dos Poços e Acupe alimentaram a imaginação dos moradores da região: gritos de dores de castigos que ressoavam do manguetal, bananeiras que sangravam, almas penadas de senhores de engenhos que, em montaria, desfilavam pelas ruas da vila para fiscalizar as atividades dos seus escravos. E era assim, para cada estória muitas verdades.

É nessa terra de muitas memórias que surge o Nego Fugido. Um grande espetáculo de rua que, ao misturar elementos de dança, teatro e música (Jongo e toques de atabaques), conta uma versão popular sobre o período da escravidão no Brasil. Ninguém sabe ao certo como, e nem quando, começou. Sabe-se, apenas, que o Nego Fugido há mais de 100 anos faz parte do calendário festivo da comunidade Acupense, transformando as ruas num grande cenário nas tardes de domingo do mês de julho. Uma espécie de catarse pública que faz uma recriação sobre perseguição, captura, sofrimento, luta e liberdade vivida pelos escravos e contadas no cais do porto pelos mais velhos.

No primeiro domingo, logo pela manhã, iniciam-se os preparativos para a festa. Durante o trabalho, alguém puxa um verso, atabaques e agogôs respondem, o grupo se anima, começando a brincadeira. No início da tarde o grupo sai da casa de Dona Santa, ponto de encontro, e toma as ruas da comunidade. Com o rosto pintado de negro (mistura de óleo e carvão) e a boca com tom avermelhado, as “negas”, personagens dramatizados por crianças, representando os negros fujões, cantam e dançam em círculo:

“Cativoiro de ia ia dá licença aê maioquê” (bis)

“Lá vem o Nego paturi, todo de preto paturi”

A música chama os caçadores (personagens que se vestem com saia feita de palha seca de bananeira, jaleco, chapéu de couro e espingardas em punho) que dançam e investem contras as “negas” numa tentativa de captura:

“Carneirinho morreu, na lagoa cheia, que bicho pequeno, que tamanho oreia”

Os caçadores atiram nas “negas”. Elas caem, são amarradas e obrigadas a percorrer as ruas em busca de pessoas que queiram comprá-las. De joelho, aos pés dos moradores, elas cantam:

“Sorta nega iá iá, a nega lava prato, barre casa, a nega é boa de trabáio...”

O morador entrega uma moeda simbolizando a compra do escravo.

Nesse momento, grupos de Caretas, Mandus, Bombachos e Capoeira também se apresentam pelas ruas. Essas aparições não fazem parte da apresentação do Nego Fugido em si, mas são espetáculos à parte.

Essa representação da caça e compra dos escravos se repete durante os três primeiros domingos de julho. O espetáculo só é concluído no último domingo quando acontece a “prisão do Rei”. Cansadas dos maus-tratos e do trabalho escravo, as “Negas” partem para briga, iniciando uma grande batalha contra os Militares (personagens que representam a autoridade do Estado e tem como obrigação proteger o Rei):

“Olhaê sibuatã, tire a casaca de sibuatã” (bis)

Os caçadores tomam o partido das “negas” e passam a guerilhar a seu favor. Durante a luta, a Madrinha (personagem criado na década de 50 para controlar os contatos físicos e evitar acidentes durante o espetáculo, simbolizando a paz) joga o lenço

branco determinando momentos de trégua. Depois de alguns minutos de batalha, os caçadores capturam o Rei, enquanto os Militares fogem em companhia do capitão do Mato:

“Capitão correu, Orácio do mato sou eu” (bis)

Juntos, “Negas” e “Caçadores” levam o Rei à praça pública e exigem a carta de alforria:

“Queremos a carta de alforria”

O Rei responde:

“Tá na dos militares”

Os caçadores partem em busca da carta e ao se encontrarem com os militares fugitivos é travada mais uma batalha. Depois de alguns minutos de luta, os Militares se rendem e entregam a carta para ser lida pelo capitão do Mato. Após a leitura, começa uma grande festa em comemoração à liberdade.

“lá iá me soltô bé” (bis) / “Samba nego sinhá não vem cá...”

“Quié que sapo quer apoló, sapatá mambodê, arcanfô” (bis)

“Azunçum madaiê, azunçum madaiê, caiaia gué, azunçum madaiê” (bis) / “Ê bakakaô, ki bakakaokô” (bis)



Em sala de aula

Proponha uma pesquisa sobre o calendário festivo em sua comunidade e em estados brasileiros que receberam forte contingente africano: Maranhão, Pernambuco, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo.

Enfoque a pesquisa nas práticas culturais afro-brasileiras (maracatus, jongos, congadas, sambas rurais, batuques, etc.) presentes em cada estado.

Compare com as práticas encontradas na sua região e reflita com seus alunos a existência de um vasto repertório musical e dramático sobre a presença dos africanos e de seus descendentes em todo país.

Discuta a importância da cultura na valorização de nossa memória coletiva e sobre o reconhecimento das diferentes heranças, não apenas africanas, nessas práticas.

Elabore um mural contendo as informações coletadas nessa pesquisa e um calendário festivo contendo as manifestações tradicionais da sua comunidade.

O Samba

Rosildo Moreira do Rosário
Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia

Esse pequeno texto propõe discutir o potencial do samba de roda como elemento facilitador do cotidiano escolar. Vale salientar que comunidades do litoral da Bahia são abençoadas por outras importantes manifestações populares, onde o Samba de Roda, Caretas, Nego Fugido, Burrinha, Mandu, Bombacho, Candomblé, Capoeira e Maculelê se misturam com as pessoas até por que são as pessoas que as fazem. E ao praticarem suas atividades artísticas, se reconhecem como os agentes da sua própria cultura, sua própria identidade.

A noção de identidade cultural é uma discussão recorrente nos dias de hoje e está diretamente ligada à noção de identidade social. É através da identidade que as pessoas se reconhecem mutuamente e interagem com o seu ambiente. Dessa forma é fácil concluir que identidade e cultura são questões inseparáveis.

Assim, conhecer ou desenvolver uma prática cultural pode significar ser reconhecido como parte de um grupo, da mesma forma que ignorar “um tal elemento” pode ser o suficiente para que alguém seja considerado como estranho ao grupo ou até mesmo um “opositor” ou “adversário”.

Além das manifestações, precisamos, então, falar de como essas pessoas se comportam, o que fazem antes e depois de estarem em um ou outro grupo. Elas contam histórias, pescam, plantam, mariscam, dão aulas, vão às aulas dentre outras atividades. E o “samba” é um elemento visto como de reconhecimento, pertencimento e auto-afirmação.

O Samba de Roda pode ser: samba chula, samba corrido, samba de parada, samba de Santo Amaro, samba duro, samba de barravento, samba iuna, todos com as mesmas regras. Existe sempre um mestre ou mestra que o conduz; um instrumento que todos seguem; num determinado momento só se samba depois que se canta; a experiência vale muito, todos estão dispostos em círculos e se vêem de frente, se conhecem, se respeitam.

E porque não reproduzirmos essa dinâmica em sala de aula? Se o professor se comportar como um mestre ou a professora como uma mestra, se o ritmo imposto for cadenciado numa lógica de conteúdos, lógica determinada pela turma, se todos obedecem o

seu tempo de falar, se o conhecimento trazido de fora da escola for levado em conta para que todos se vejam e se respeitem.

E o que dizer das canções? Quantas lições, é a vida sendo reproduzida. Versos que retratam exatamente o sentimento que se tem durante a labuta: “eu não tenho medo de andar no mar eu só tenho medo do barco virar” (letra de samba domínio popular).

Versos que retratam a satisfação em fazer o samba: “Minha mãe teve três filhos / Eu nasci por derradeiro / Um nasceu pra motorista / Outro para serralheiro / Eu nasci pra gritar samba, ó colega / Que é um serviço maneiro” (letra de samba domínio popular).

Sem falar de como se utilizar do samba para falar de amor: “eu vi o sol, vi a lua clarear, eu meu bem dentro do canaviá” (letra de samba domínio popular).

E o samba serve também para expressar a angústia de ver a vida se acabar: “Toda vez que me alembro / Que a morte vem ,vem me matar /O sangue foge da veia / Coração sai do lugar / Meus olhos se enche d’água / Que vontade de chorar,buá!!!!” (letra de samba domínio popular).

Essas canções permitem que se estude sobre os movimentos das marés, sobre profissões, os movimentos da terra, uma infinidade de possibilidades. É partindo dessa premissa que podemos reconhecer o samba como colaborador da formação da identidade local e como um recurso de caráter lúdico-recreativo, ao mesmo tempo em que auxilia na construção de uma educação que seja geradora de cidadania e que atenda e respeite as diversidades da comunidade.



Na comunidade

Proponha uma pesquisa sobre letras de sambas tradicionais conhecidos na comunidade. Identifique os diferentes temas que podem estar presentes: a relação com a natureza, os temas de amor, as recordações dos tempos da escravidão, etc.

Reúna o repertório que surgirá da pesquisa de cada aluno e divida-os a partir de cada tema. Leia com o grupo, discuta as temáticas que aparecem. Convide os mais antigos para falar desses temas e para encenar junto com a turma essas canções.



Em sala de aula

Vamos brincar de fazer versos de samba!

A partir da estrutura básica das quadras - versos de quatro frases - em que a segunda linha rima com a quarta, vá exercitando com as crianças a criação de versos sobre temas importantes na sua classe: a natureza, a cultura local, a família, as histórias de cada um, etc.

Por exemplo: Esse livro vai fazer

Uma linda revolução

Nas escolas da Bahia

Cultura vai “virá” lição!

Aproveite sempre que possível a estrutura da roda em sala de aula. Exercícios em roda são interessantes para visualização de relações da natureza, de equilíbrio entre elementos, de relações de respeito, para debates, entre outras atividades.

Cultura Viva

A pergunta “Nós ouvimos assim... e vocês?” é uma idéia de provocar no educador e em todos os leitores desse livro uma boa agitação sobre como cada pessoa e cada comunidade conta sua história e suas estórias. O sentimento, ao construirmos esse livro, foi de muita alegria por entendermos que não apenas manifestações culturais ainda permanecem atuais no litoral da Bahia, mas também novos causos e estórias surgem com freqüência na região. E dentro dessa idéia de que as expressões culturais continuam bastante vivas, lançamos mais uma pergunta para reflexão: “Como surgem as lendas e superstições?”

Pequenos Inventores

Acupe, tarde de maré alta
Domingos Fiaz

A branca estátua em mármore
Retratava uma linda e formosa mulher
Que Vênus não era
Localizada onde seu dono deixara
Na varanda a direita da entrada da casa
Gradeada, abandonada
Parecia uma presa na cela e condenada
Vida tinha porque os pequenos te davam
Eles já passava na porta da casa
Com os olhares orientados
E comentavam
Ontem assim ela não estava
Eu vir pra parede virada
Olhe como ela encara
Escuta e até fala
Os mais velhos nem ligavam
Só quando interrogados
A casa é mal-assombrada
Não isso é uma história
Por vocês meninos criada.

Nesse bloco de estórias podemos perceber como a cultura é dinâmica. Vislumbramos, novamente, como pode ter origem uma lenda, como um fato cotidiano se torna fantástico e se fortalece através dos tempos. Valorizar a vitalidade dessas estórias e das pessoas que as contam, as falas e as expressões que daí se originam, faz parte do movimento de valorização dos saberes tradicionais.

Sugira às crianças que construam uma lista dos bens de natureza imaterial* que poderiam ser registrados na comunidade. O samba de roda do Recôncavo Baiano é um exemplo desse repertório popular, um patrimônio cultural brasileiro, assim como as estórias contadas, as brincadeiras e cantigas tradicionais, que ao serem “tombados” revelam um alto grau de importância na manutenção da cultura e da identidade brasileira.

Sugerimos que se continue um levantamento sobre outras estórias presentes na sua comunidade. Colher depoimentos de pessoas antigas é valorizar os conhecimentos tradicionais, o saber do povo, as formas de ver o mundo que revelam as influências culturais que formam nossa identidade. Revelam as crenças do nosso povo, as leis que regem as relações dos homens com a natureza e entre a sociedade.

*Bens de natureza imaterial: patrimônio cultural que abrange as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva em respeito da sua ancestralidade, para as gerações futuras. São exemplos: os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, celebrações, as festas e danças populares, lendas, músicas, costumes e outras tradições.



Cabrá

Cabrá era um pescador que também trabalhava na roça. Ele tinha mandinga, sabia coisas que os outros não sabiam. Cabrá se virava em qualquer coisa. Um dia estava na roça e já era fim de tarde, quando se levantou, pegou um saco de mandioca e foi embora caminho adentro. As mulheres que trabalhavam com ele foram em seguida. No meio do caminho, caiu um aguaceiro de chuva e as mulheres se esconderam debaixo de uma árvore e ali esperaram a chuva passar. Assim que a chuva passou, as mulheres continuaram a caminhada para casa e enquanto andavam avistaram Cabrá vindo atrás. Esperaram por ele e perguntaram onde ele estava. Ele respondeu com outra pergunta: “E vocês, onde estavam que não se molharam?” Elas falaram: “Nós nos escondemos debaixo de um pé de pau na beira da estrada”. Cabrá disse então: “É, vocês só viram aquilo que eu quis que vocês vissem. Eu é que protegi vocês da chuva. Na beira da estrada não tem árvore”. No outro dia quando voltaram, procuraram a tal árvore e não a encontraram. Até hoje, em Barra dos Carvalhos, se fala do velho Cabrá com uma mistura de respeito e medo. Dizem que até hoje se uma pessoa duvidar de Cabrá sofrerá as conseqüências.

O Boi de Boipeba

Em Boipeba, havia um boi que as pessoas diziam que tinha alma de homem. Este boi trabalhava como carreiro, era um boi de carro. Todos os dias por volta da tardinha ele aparecia no bar do Sr. Afonso para beber uma cachaça. Os pescadores esperavam apreensivos por este momento. E logo se ouvia: "Lá vem ele!" Os homens entravam no bar e fechavam a porta. Quando ele chegava, encontrando a porta fechada, berrava bem alto até a abrirem novamente. Dizem que era bonito de ver a alegria do boi ao perceber que as pessoas estavam lá esperando por ele, com uma jarra de casca de limão e cachaça. Tomava tudo e ali se deitava até umas nove horas, depois se ia embora. Quando ele via um de seus companheiros de bar passar onde ele estava trabalhando, logo cumprimentava com um berro.



Cula

Lá nas bandas de Acupe, existiu um pescador muito característico chamado Cula. Dizem que Cula bebia bastante, mas muitos afirmam que era um dos melhores pescadores que a região já conheceu. Cula tinha uma canoa chamada Carrega Morena. Dizem que depois de velho, Cula ficou cego, mas não parou de pescar. Antes da pescaria, ainda antes de embarcar em sua canoa, ele ia até a beira do mar, acendia um charuto e ali conversava com os marujos. Só então embarcava e dava as ordens para outros pescadores. Quando entrava na canoa, logo dormia!

Seus pescadores, sem hesitar, se dirigiam ao local ordenado. Cula, mesmo com o sono pesado, acordava rapidamente ao chegar na coroa onde ordenara. Fincando as varas na lateral da canoa, subia nelas, quase que se pendurando, e gritava “eta marujada cheguei agora!” Repetia esta frase por três vezes e depois se calava, como que ouvindo silenciosamente instruções. E logo apontava a direção em que a rede deveria ser lançada. Cula e seus pescadores jamais perderam uma só redada.

Dizem que mesmo depois de velho, quando já não podia mais acompanhar a pesca, Cula orientava os pescadores e durante a pesca “via” tudo de perto pelos olhos de seus marujos reais e imaginários.



Continuando nosso trabalho

Construindo um dicionário

Dando continuidade ao trabalho com a cultura tradicional na escola, nossa proposta é a realização de uma pesquisa sobre a influência das culturas indígena e africana na construção da identidade brasileira. Uma maneira muito interessante de perceber essa presença é a construção de um dicionário que contenha palavras cuja origem demonstra esse fato. Por exemplo, palavras como Boipeba, Acupe, Saubara, têm origem indígena. Já as palavras mochila, chicote, camundongo, cafuné, têm origem africana.

Com seus alunos, construa um dicionário a partir dessa proposta e incentive a percepção sobre a influência lingüística dessas culturas no nosso cotidiano. Procure reconhecer os locais da sua comunidade onde existe a aplicação dessas palavras, como nomes de rua, bairros, rios, entre outros.

Na construção do dicionário da sua turma ou escola, lembre-se sempre de incluir as novas palavras que discute com seus alunos no dia-a-dia. Uma importante dica: pense em utilizar nesse cotidiano diferentes espaços onde vivem e saberes da comunidade.

Saravá, Saravá!

Agnaldo de Oliveira Barreto

A região em torno da capital da Bahia era povoada, antes da chegada dos portugueses, em 1501, pelos tupinambás, conhecidos como avôs de toda a descendência tupi. Com a vinda dos colonizadores, foram introduzidas tradições européias e, num segundo estágio, com a exploração das terras e construção de centenas de engenhos de cana-de-açúcar, os homens africanos trazidos para esse trabalho adicionaram os seus costumes. Do encontro destas raças, foi gerada uma riqueza sem precedentes, o que tornou a região a matriz de diversas manifestações, com mescla da língua, de tradições, costumes e fé. E também de lendas...

As lendas e os costumes, além de formar, ajudam na construção da identidade dos indivíduos, tornando-os seres críticos e detentores de conhecimento, que por certo define o elo com o futuro, preservando e valorizando a cultura dos antepassados.

Hoje, porém, há necessidade de se registrar essas expressões, pois a cada dia vêm se perdendo os detentores deste conhecimen-



to comum, chamados carinhosamente de “mestres”. Além disso, é preciso trabalhar o respeito pelas tradições, considerando que os jovens muitas vezes não querem ouvir seus genitores. Não mais se vê as pessoas em volta dos idosos buscando vivência e experiência de vida ou complemento para formação educacional e cultural.

Por isso, educadores e pesquisadores, em diferentes lugares, estão preocupados de que várias comunidades venham a perder suas fontes de conhecimento tradicional e popular, sua oralidade.

As novas tecnologias, ao invés de causar apreensão, poderiam, então, ser vistas como aliadas para perpetuar, divulgar e incentivar projetos, incorporando-as no cotidiano da informação. Assim se mostra a importância dessa publicação: é um pequeno passo, mas talvez um grande salto, no sentido de sensibilizar e incentivar pesquisadores/educadores para a descoberta e multiplicação das várias vertentes do universo da cultura. Saravá... saravá... saravá... um salve à cultura popular!

Brincadeiras de Terreiro

As chamadas “brincadeiras de terreiro” são aqueles brinquedos que toda criança já brincou em algum quintal, em alguma rua de terra, em alguma roda por esse Brasil afora... Possui esse nome devido à terra do nosso chão, esse “terreiro” que é todo o nosso país. Atualmente ocorre uma valorização desses brinquedos tradicionais, seja porque em algumas cidades percebe-se o quanto as crianças têm ficado confinadas em suas casas; ou ainda porque se têm dado o devido valor a essas práticas, símbolos de uma cultura da infância. Agora, seja em pequenos povoados, seja nas grandes cidades, o movimento é de valorização das brincadeiras tradicionais brasileiras através, principalmente, da memória dos mais antigos, detentores de vasto repertório de cantigas de roda, parlendas, trava-línguas, histórias e muitos “causos”.

Na comunidade

Proponha uma pesquisa sobre brincadeiras praticadas por mães, pais, tios, tias, avós... Registrem esse repertório e façam um pequeno material (xerocado, em forma de livreto, com ilustração das crianças) que possa circular entre a comunidade.

Reserve momentos da semana (o último horário da sexta-feira, por exemplo) para começarem a brincar na escola. Aos poucos, ampliem esse momento coletivo e criem uma rotina que garanta esse espaço para a brincadeira.

Convidem pessoas da comunidade para fazer parte dessa roda e ampliem, a cada visita, o repertório das brincadeiras na escola.

Para finalizar esse livro, organizamos um conjunto de atividades que têm como objetivo reger o trabalho sobre o meio ambiente e a cultura em sala de aula.

Pensem no poema abaixo: essa é a realidade da sua comunidade ou não? Qual o papel de cada um nesse processo de conservação ou destruição da natureza?

Noutro dia

Acupe, manhã de maré baixa
Domingos Fiaz

Cortaram galhos e troncos das árvores
Sem ação de graça

Enfearam a cidade
Nuas as ruas ficaram

Derrubaram os ninhos
Comunidade não ouviu mais cantos de passarinhos

Deixaram jardins sem flores
Primavera trocou de cores

Mudaram o caminho dos ventos
O norte já não sabemos

Quebraram os bancos
Ponto de encontro dos meninos

Tiraram a sombra de verão
Lugar da prosa dos anciões

Restaram as chuvas incertas
Praças desertas.



Pense também em alguma atividade de busca por outras lendas e crenças locais e regionais. Trabalhe com seus alunos a importância de as pessoas cuidarem para que se mantenha sua cultura, seus costumes, para que se conservem as espécies vegetais e animais existentes na região onde moram.

Vocês na escola cuidam da natureza, que é sua “casa”? Como? Elabore com seus alunos cartazes que falem sobre a importância de cuidarmos do ambiente do qual dependemos para viver. Não se esqueçam de falar de todos esses ambientes: o rio, o mar, a floresta, os mangues, nosso quintal, o lixo que produzimos... Seria muito legal que vocês distribuíssem pela vila os cartazes feitos nessa atividade: os moradores da sua comunidade ficariam surpresos ao verem que as crianças têm tanto a ensinar...



puçá



PROJETO CARANGUEJO-UÇÁ

O projeto Puçá

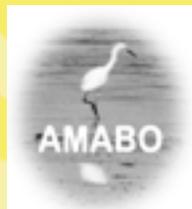
Em 2007, da parceria do Instituto GIA com o Governo do Estado da Bahia, por meio da Bahia Pesca e do Fundo de Amparo à Pobreza, nasceu o Projeto Puçá, apoiado pela Associação dos Municípios do Baixo Sul da Bahia (AMUBS), pela Associação dos Pescadores, Aqüicultores e Maricultores de Barra dos Carvalhos (APAMAR), pelo CNPq e pelo IBAMA. O Puçá tem como objetivo recuperar populações de caranguejo-uçá, valorizando o trabalho de comunidades litorâneas.

Mais que apenas produzir caranguejos em laboratório e liberá-los na natureza, o projeto usa o caranguejo-uçá como uma “bandeira”, e amplia suas ações para o ambiente manguezal e para as populações que dependem dele para viver. Para discutir essas idéias, o projeto vem trabalhando com o programa de educação ambiental, que pretende relacionar os temas ambientais com as questões sócio-históricas, políticas e culturais das comunidades envolvidas.

Conheça um pouco mais essa idéia, navegue em nosso site (www.puca.org.br) ou entre em contato conosco, vamos sonhar juntos em promover a sustentabilidade das comunidades litorâneas tradicionais da Bahia.

participação especial

Cinco Reinos
pesquisas e serviços ambientais



**Associação Cultural
Negro Fugido**



realização



FUNCEP
Fundo de Combate e
Erradicação da Pobreza

apoio



APAMAR

